

# O uso das redes sociais para o ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa: refletindo distanciamentos e aproximações.

Flávia Cristina Martins Knebel<sup>1</sup>  
Hermes Renato Hildebrand<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo relatar a experiência pedagógica de utilização das redes sociais nos processos de interação, leitura e produção textual como forma de refletir os objetos de estudo na disciplina de Língua Portuguesa. Procurou-se uma abordagem teórica que permitisse compreender os processos sócio-históricos e culturais responsáveis por verdadeiras transformações nos modos de percepção, interação, e relação estabelecida com os novos conhecimentos próprios da contemporaneidade tecnológica. Assume-se o conceito de dialogismo, através do qual o sujeito se constitui a partir de um movimento de alteridade; e o de hipertexto, como sendo um espaço onde as múltiplas linguagens se encontram para ressignificar, organizar e reorganizar conhecimentos.

**Palavras chave:** Educação, Linguística, Pedagogia, Internet, Redes Sociais.

## 1. Introdução

O aviso “É PROIBIDO ACESSAR REDES SOCIAIS” está presente em quase todos os laboratórios de informática nas escolas das redes estaduais e municipais de ensino do país. São grandes os cartazes colados nas paredes dando este aviso e, geralmente, isto é feito de forma imperativa e autoritária. Nesse contexto, observa-se que a concepção de interação nas redes, em particular na internet e mais especificamente no Facebook<sup>3</sup> e Orkut<sup>4</sup>, ainda é compreendida apenas como forma de entretenimento, onde a socialização, por estar acontecendo no ciberespaço, não contribui de forma positiva para o ensino e a aprendizagem,

---

<sup>1</sup> Flávia Cristina Martins Knebel – É graduada em Letras, Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. Cursou Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, no Polo de Santana do Livramento. Atua como professora de oitava série do ensino fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Email:flacmk@gmail.com.

<sup>2</sup> Hermes Renato Hildebrand – É Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP e Mestre em Multimeios pela UNICAMP. É professor da UNICAMP e PUCSP e coordenador do Programa de Pós-Graduação do TIDD - Tecnologia da Inteligência e Design Digital da PUCSP. Em Artes, Ciência e Tecnologia desenvolve pesquisas e produções em mídias digitais e locativas. Atua no Coletivo de Artes: SCIArts - Equipe Interdisciplinar e no Projeto AirCity - Research. Email:hrenatoh@gmail.com.

<sup>3</sup> Facebook é um site de serviço de rede social. O website é gratuito para seus participantes, os quais criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos.

<sup>4</sup> Orkut é uma rede social que tem o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Desde outubro de 2011 o Orkut vem caindo enquanto outras redes sociais como o Facebook e o Twitter vem crescendo cada vez mais.

mas sim para o lazer e a alienação, desviando os alunos dos assuntos próprios da escola e das salas de aula.

Cabe aqui nosso primeiro questionamento, que pode ser interpretado como desnecessário e óbvio, mas que, para nossa pesquisa é muito importante: quais são os assuntos “próprios” da escola e das salas de aula? Muitos docentes consideram a discussão desse tema algo desnecessário para os profissionais da educação e ele parece ter ficado esquecido no universo das teorias e ideias. A primeira resposta também parece óbvia, assim como a questão, são os assuntos referentes aos conteúdos que devem ser pertinentes e devem contribuir para o avanço do aprendizado. Mas a resposta que aparenta ser evidentemente, a mais “exata”, na verdade, suscita uma série de novas dúvidas e questionamentos.

### **1.1 O Problema**

Hoje, é lugar comum ver professores que trabalham com adolescentes deparando-se com um estado de ligeira apatia em sala de aula. Os alunos fazem suas atividades com pressa e sem interesse, ávidos pelo recreio ou pelo final das aulas. Com esta falta de interesse, vemos que eles começam a perturbar o andamento da aula e, muitas vezes, tornam-se apenas executores de tarefas mecânicas, repetitivas, tornando as ações de ler e escrever totalmente voltadas para a estrutura dos textos em si. Esta preocupação com a estrutura do texto ainda é bastante marcante, mesmo que o resultado final de uma composição textual se mostre vazia de argumentação ou criatividade. Busca-se a elaboração de um texto “correto”, moldado, sem preocupação com a qualidade de seu conteúdo ideacional.

Nesse sentido, fica difícil negar que o aluno, ao estar recebendo determinados conteúdos em sala de aula, não esteja sendo exposto ao conhecimento do curso e sendo trabalhado em aula; de fato, o currículo está sendo cumprido? Assim, se este é o caso, por que os alunos não conseguem expor suas ideias de forma clara? Por que a criação de um texto narrativo ou lírico, ou o desenvolvimento de texto argumentativo, se coloca como uma grande dificuldade? Talvez este seja o momento de se repensar velhos paradigmas e analisar o que deve ser trabalhado em sala de aula, afinal? Talvez aqui deva surgir entre os professores da disciplina de Língua Portuguesa uma mudança de foco, devemos pensar o que realmente deve ser considerado no estudo da língua.

Nos assuntos comentados em sala de aula, entre os alunos, é comum a referência às postagens de informações e imagens nas redes sociais, curiosidades sobre sites na Internet e notícias locais são algumas das informações que, através das redes sociais, são disseminadas rapidamente. A leitura e consumo de músicas, filmes e seriados, nas redes sociais, parecem

fazer parte do cotidiano dos alunos. Toda essa gama de informações circulante, causadora de curiosidade e, ao mesmo tempo, de debates, é no mínimo inquietante.

É possível perceber que a tecnologia faz parte do cotidiano dos alunos: os celulares não param. Vídeos circulam pela sala de aula, fotos, músicas são trocadas, enviadas por *bluetooth*, alguns navegam na internet utilizando a tecnologia *wifi* que permite acessar a rede *wireless* da escola, risadas e cochichos fazem parte do dia a dia desta geração de adolescentes e, isso, é fruto da troca de informações entre eles. Enquanto isso, o professor tenta passar o conteúdo programático da Língua Portuguesa no tradicional quadro negro ou insiste em fazer análises metodológicas e teóricas em sala de aula que, para os alunos, parecem não ter importância. Por outro lado, é possível observar que nesta atividade os alunos estão lendo, criando, produzindo textos, elaborando reflexões que têm outro foco de interesse e para os quais eles dedicam boa parte de seu tempo.

É o mundo em movimento, onde as novas Tecnologias da Comunicação e Informação tornaram-se parte integrante das relações sociais, construindo novas formas de perceber, interpretar, aprender e agir sobre o mundo. *Blogs*, redes sociais, sites, não são meros mecanismos distributivos de informação de forma rápida, ou objetos de entretenimento. Agem também sobre os diferentes contextos humanos, operando verdadeiras metamorfoses nos relacionamentos e nos processos cognitivos.

Nesse contexto, é possível afirmar que os processos de leitura e produção textual, assim como o uso das redes sociais e da Internet devem ser vistos sobre outro ponto de vista. Os textos não podem mais ser vistos como objetos fechados em seus gêneros como se fossem formas rígidas, acabadas. A concepção do que pode ser considerado um gênero textual também mudou. A autoria perde autoridade, surgem hibridismos e textos com formatação curta, como o caso dos minicontos, muito difundidos em rede. E, de fato, torna-se necessário repensar os conceitos de texto, hipertexto e dialogismo. Para estes alunos, escrever tem outro significado, escrever é ação, é subjetivação.

A linguagem utilizada na Internet já começa a sair da rede e entrar no cotidiano das pessoas. Expressões como *curtir*, *postar*, *cutucar*, *memes*, *estar em off*, *deixar em off*, entre tantas outras, tornam-se cada vez mais comuns. Os estrangeirismos coexistem com nosso idioma sem que se possa evitá-los ou criticá-los: *post*, *link*, *website*, *feed*, etc. Também, o uso de ferramentas como o *Windows Live Messenger*<sup>5</sup> e sites como o *Facebook*, *Orkut* e *Youtube*<sup>6</sup>,

---

<sup>5</sup> O *Windows Live Messenger* é um programa de comunicação instantânea pela Internet. É a nova geração do MSN Messenger e faz parte dos novos serviços online da Microsoft chamados de Windows Live.

trazem à tona a escrita marcada pela oralidade, seguida de imagens complementares de sentido, como os *emoticons*<sup>7</sup>.

## 2. Horizontes de pesquisa: as novas gerações e o fantasma do futuro.

O questionamento do homem diante das transformações decorrentes das novas tecnologias não é novo. O filósofo alemão Walter Benjamin, diante da realidade da reprodução em massa das obras de arte pela imprensa e, principalmente, em face da revolução causada pelo cinema, escreve já na década de 30 um ensaio intitulado *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*<sup>8</sup>, no qual aponta as mudanças que já tomavam forma nos processos cognitivos, na percepção e no imaginário humano. A reprodução em série, massiva, representa para Benjamin, não apenas o abalo das tradições concernentes às artes, mas também “uma renovação da humanidade” (Benjamin 1994, p.169). Mesmo tendo em seu eixo reflexivo a imanência e autenticidade da obra de arte diante dos avanços tecnológicos, o autor abre uma discussão que nos é pertinente para compreendermos historicamente os processos de transformação decorrentes do avanço tecnológico nas relações humanas, pois segundo ele “no interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma, ao mesmo tempo que seu modo de existência”. (Idem, op.cit, p. 169).

A adaptação para o cinema em 1996, do mangá<sup>9</sup> japonês *Ghost in the Shell* (O fantasma na concha) de *Masamune Shirow*, ilustra aquilo que afirma o pensador alemão. As preocupações, reflexões e questionamentos presentes na obra japonesa giram em torno da tríade relacional: o homem (ser biológico), tecnologias da computação e essência humana. Na obra, o cérebro humano pode se conectar a rede mundial, navegar, rastrear dados. Nessa relação de fusão do cérebro com a rede, um vírus de computador começa a infectar os cérebros humanos, causando delírios onde estes indivíduos perdem a consciência de sua vida

---

<sup>6</sup> *Youtube* é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado em fevereiro de 2005. O Youtube tem grande impacto social, sendo que alguns usuários chegam a ter vídeos famosos no mundo inteiro. Sua interface já sofreu várias modificações, sendo de muito fácil acesso para aqueles que desejam enviar seus vídeos, ou simplesmente acessar e manter listas de vídeo particulares.

<sup>7</sup> *Emoticon*; consiste em uma forma de comunicação não verbal, e seu nome derivada da junção dos seguintes termos em inglês: emotion (emoção) + icon (ícone) (em alguns casos chamado de *smiley*) é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :), ou ^-^ e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial.

<sup>8</sup> Este ensaio começou a ser escrito por Walter Benjamin em 1936, mas teve sua primeira publicação somente em 1955. Informação retirada da obra utilizada para esta pesquisa.

<sup>9</sup> Mangá: no Japão, o termo designa quaisquer histórias em quadrinhos. Provocam estranheza nos leitores ocidentais, pois, ao contrário das histórias em quadrinhos convencionais, sua leitura é feita de trás para frente.

real e passam a viver uma realidade virtual como verdade. Em meio a esse processo, é um *cyborg*<sup>10</sup> do sexo feminino que passa a questionar a realidade humana e a existência da alma. Esta obra representa conflitos e modos de perceber a realidade que só poderiam surgir enquanto indagações humanas diante do contexto da computação e da comunicação em rede, tecnologias introduzidas no cotidiano dos indivíduos, tornando-se parte integrante de seus processos produtivos (trabalho e técnica) e relacionais (socialização e processos afetivos) na sociedade.

As tecnologias de comunicação em rede, apesar de não terem o alcance tecnológico da proposta de *Shirow*, fazem parte dos processos humanos mais complexos, passando pela linguagem, construção subjetiva e afetiva, bem como dos processos de percepção e aprendizagem. Situados neste contexto, estão os chamados “nativos virtuais”, ou a “geração Z”. Estes títulos surgem para conceitualizar aqueles que nasceram durante a década de 90 até os dias de hoje, e para os quais a *Web* e os aparelhos tecnológicos não são vistos com estranheza, pois nasceram submersos neste mundo em movimento “giratório”, tomado por imagens, marcado pela comunicação instantânea, onde o humano não é mais um mero espectador como no caso da televisão e do cinema, mas um agente dentro dos processos tecnológicos, um manipulador da técnica, a qual está cada vez mais acessível, sem que seja preciso pesados estudos e profundo conhecimento para usufruir destes novos padrões de tecnologia.

Pierre Levy, ao introduzir seus estudos sobre a inteligência humana nesta era marcada pela tecnologia, principalmente no que diz respeito à comunicação em rede, coloca que:

Um dos principais agentes de transformação das sociedades atuais é a técnica. Ou melhor, as técnicas, sob suas diferentes formas, com seus usos diversos, e todas as implicações que elas têm sobre o nosso cotidiano e nossas atividades. Por trás daquilo que é óbvio, estas técnicas trazem consigo outras modificações menos perceptíveis, mas bastante persuasivas: alterações em nosso meio de conhecer o mundo, na forma de representar este conhecimento, e na transmissão destas representações através da linguagem. (LEVY, 1993).

É partindo desse contexto que se procura pensar a educação dos dias atuais, educação que se faz no contato direto do professor com o aluno, indivíduo com subjetividades próprias e cidadão do mundo, o qual está em constante processo de interpretação e que é agente construtor do próprio conhecimento.

---

<sup>10</sup> Um robô com aparência humana e componentes orgânicos internos próprios do corpo humano

## 2.1 Estudando Língua Portuguesa: da sala de aula às redes sociais

A linguística, principalmente com as leituras de Mikhail Bakhtin, tem se preocupado com a leitura e com a escrita numa concepção textual que vai muito além da análise estruturalista, pois se percebe que as construções discursivas individuais, enunciativas e linguístico-textuais, só podem ser concebidas por falantes e interlocutores socialmente constituídos. Segundo o autor:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN 2006, p.125).

Entende-se que toda leitura interpretativa deve considerar uma interação, diálogo do leitor com os aspectos ideológicos do texto, das estruturas modalizadoras e avaliativas que encadeiam uma série de reflexões transformadoras no leitor e deste, em seu contexto, tal como a construção textual deve considerar um possível leitor. Assim como o ato enunciativo, o texto escrito é diálogo ativo, estabelecendo um jogo onde o dito ou escrito retoma um determinado contexto para atuar sobre um outro, do qual novas ideias devem surgir. De acordo com os conceitos de hipertexto e dialogismo, a palavra é compreendida como ação transformadora em constante movimento, carregando consigo nossa cultura, nossos valores e afetividades, nossos pontos de vista. A língua, para Bakhtin, “é um instrumento coletivo: não um presídio, mas uma arena de combate” (apud STAM, 93, p158). Assim, o ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe novas visões, levando os indivíduos a problematizar os discursos, concordando ou rejeitando suas construções ideológicas.

Diante desse paradigma linguístico, pode-se pensar na produção textual, ou melhor, hipertextual, diante das mutações que a humanidade tem vivenciado processualmente, ao longo de sua história, em todas as instâncias e, principalmente, diante da evolução tecnológica. Esses processos modificam os sujeitos que, partindo dessas transformações, agem sobre o mundo, resignificando, promovendo ainda maiores transformações, num movimento contínuo e complexo. Estamos na era da mundialização. Segundo Edgar Morin:

[...] quanto mais somos envolvidos pelo mundo, mais difícil é para nós apreendê-lo. Na era das telecomunicações, da informação, da Internet, estamos submersos na complexidade do mundo, as incontáveis informações sobre o mundo sufocam nossas possibilidades de inteligibilidade. [...] O que agrava a dificuldade de conhecer nosso Mundo é o modo de pensar que atrofiou em nós, em vez de desenvolver, a aptidão de contextualizar e de globalizar, uma vez que a exigência da era planetária é pensar sua

globalidade, a relação todo-partes, sua multidimensionalidade, sua complexidade.  
(MORIN 2000, p.64)

Diante dessas considerações, entende-se aqui que o estudo da língua deve estar contextualizado, e não pode mais ficar submetido a um curso pronto a ser aplicado, mas estar pautado na tentativa de construir espaços de observação, de pesquisa e ressignificação. O aluno atual está inserido na universalidade, na globalidade, aspectos que também o constitui. Ele não é condicionável e previsível, não conseguirá ficar quatro horas copiando e ouvindo, sem fazer ruído, sem conversar, sem movimentar o corpo. A sua atenção é multidimensional, pois ele vive no mundo da comunicação instantânea, dentro do qual ele é paciente e agente. Enquanto sujeito paciente, ele recebe a todo o momento estímulos visuais, que acompanham os textuais e sonoros: propagandas, vídeos, música (os fones de ouvido são constantes). Como agente, é utilizador de softwares para manipulação de imagem, áudio, vídeo, ou de digitação, cria vínculos nas redes sociais da Internet, opina, comunica, recebe as réplicas de seus leitores, amigos de seu grupo ou não, retoma a réplica e dá sua palavra: o aluno usa a língua constantemente, protagonizando o seu dizer. Ele o faz também nas relações que estabelece no ambiente escolar. Segundo Irandê Antunes (2003, p.109), “a escola não deve ter outra pretensão, senão chegar aos usos sociais da língua, na forma que ela acontece na vida das pessoas.”.

Sabe-se que a linguagem do jovem educando de nossos dias é outra; é uma linguagem que se simplifica cada vez mais para atender a demanda da rapidez, linguagem que ele apreende e que desencadeia novas formas de dizer, próprias dos universos por onde esta circula, seja em seu perfil do *Facebook*, comentando vídeos no *Youtube*, ou conversando com colegas em sala de aula. Classificar e nominalizar, ou seja, a mera ilustração, mascarada muitas vezes pelo estudo superficial do texto, não levará o aluno a melhorar suas competências linguísticas.

Também, neste mundo de estímulos e troca de informação ininterrupta, o aluno é aquele que lê fragmentos textuais esparsos, que não sabe qual direção tomar na hora de fazer escolhas diante de tantas opções que lhe são oferecidas (livros, propagandas, filmes, citações e “dicas”) e que povoam seu olhar quando está diante do computador, utilizando a Internet.

Não se quer aqui, com essa reflexão, dizer que o ensino de língua portuguesa deve estar pautado no uso das mídias tecnológicas, mas sim propor um espaço onde o aluno possa questionar, problematizar, refazer. É preciso que o aluno reflita o mundo ao seu redor com um olhar crítico como forma de poder gerenciá-lo, pois ele, por vezes, se encontra flutuante, sem compreender direito de que está fazendo parte, ficando exposto a ideologias que podem ser

tanto libertadoras como manipuladoras do pensamento, geradoras de preconceitos, generalizações e alienações.

Através dessa proposta, tentou-se criar, nas aulas de Língua Portuguesa, partindo do conteúdo programático curricular, no caso, os discursos de base e gêneros do discurso, a aplicação do uso de ferramentas da web para a estimulação dos processos de leitura e de produção textual. Inicialmente, a intenção era promover o conhecimento das diferenças entre os gêneros narrativos e refletir sua estruturação, focando, principalmente, os gêneros literários.

É importante dizer que esta pesquisa é compreendida como um espaço de diálogo, um caminho que surge através de intrincados sistemas de rede relacionais, e que é impossível o total afastamento do pesquisador com o objeto de sua pesquisa, pois, “consciente ou não, o pesquisador participa da realidade e do mundo do outro e, ambos, sujeito e mundo, estão verdadeiramente imbricados informacional, enérgica ou materialmente.” (MORAIS; VALENTE, 2008, p.32).

Veremos na seção que segue um resumo dos processos construídos ao longo do tempo na prática de sala de aula.

### **3. Contextualização e Objetivos.**

A necessidade de se pensar a educação no contexto das tecnologias emergentes, no processo de globalização e universalização e sendo constantemente fragmentada, torna-se indiscutível. Negar aos alunos o uso das redes sociais nos laboratórios de informática, sem que se faça uma reflexão sobre o uso destes espaços de concepção de conhecimento, parece algo vazio de sentido e sem propósito. Assim, esta reflexão levou a um longo processo de experimentação durante o ano letivo de 2012, com alunos adolescentes, entre 13 e 16 anos de idade, das oitavas séries do ensino fundamental, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul.

Como proposta pedagógica, tentou-se alcançar os seguintes objetivos:

Despertar o gosto pela leitura e pela escrita através de temas relacionados aos interesses dos alunos.

- Aprimoramento da leitura e da escrita;
- A organização das informações como forma de gerenciar o conhecimento;
- A concepção das ferramentas da web como forma complementar do processo de ensino-aprendizagem;

- O diálogo e a postura ética necessária no uso das comunidades virtuais;
- A valorização do trabalho do aluno.

Como proposta de pesquisa a ser observada, buscou-se, através de uma análise pautada na utilização de recursos da Web como ferramentas complementares dos processos de construção do conhecimento, repensar uma mudança de foco no estudo da língua, assumida como objeto social e culturalmente ativo, através do qual o sujeito se constitui e também, através desta mesma língua, reconstitui a realidade.

#### **4. Processos metodológicos**

Nos dois primeiros meses de trabalho (maio e junho), tentou-se trabalhar o conhecimento das diferenças entre os gêneros narrativos e refletir sobre sua construção, tendo como foco as narrativas literárias, para que no decorrer deste estudo, os alunos pudessem produzir textos narrativos. Num primeiro momento, procurou-se a investigação quanto às leituras que os alunos já possuíam e/ou que estavam fazendo no momento. As leituras eram bem variadas, mesmo assim, foi possível perceber o predomínio da leitura de *best-sellers* do gênero terror, sendo estes romances ou novelas. As histórias vampirescas eram as mais comuns e autores como *Lisa Jane Smith*<sup>11</sup> circulavam constantemente entre os alunos. Num espaço de diálogo, os alunos votaram em uma categoria literária popular, de seu interesse para o trabalho de leitura e produção textual. Foi escolhida a categoria *terror*. Durante as aulas, procurou-se sempre levantar discussões sobre as leituras que estavam sendo feitas e os alunos receberam orientações e sugestões de leitura feitas pela professora.

Os alunos foram orientados a fazer pesquisas na Internet sobre a vida e obra de alguns escritores universalmente conhecidos dentro da categoria escolhida por eles. Os autores mais pesquisados foram Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e Agatha Christie. Os alunos leram trechos de obras na internet, outros preferiram contos. A linguagem desses autores, a princípio, pareceu difícil, mas com a ajuda em aula, com encenações e leituras de trechos e contos, sentiram-se mais confortáveis com essas leituras.

A proposta de criação de um *blog*<sup>12</sup> foi sugerida aos alunos. Este espaço teria como função o registro de nossas pesquisas, trabalhos e produções textuais de narrativas dentro da categoria escolhida. Para montar o blog, foi preciso organizar uma equipe que ajudasse na administração do mesmo, ajudando os colegas com as ferramentas, com as postagens e uso da

---

<sup>11</sup> Autora da série novelesca de terror “romântico” *Os diários do Vampiro*, muito consumida pelos adolescentes em geral.

<sup>12</sup> O blog dos alunos agora é pouco utilizado por eles, embora a ideia fosse a utilização do Grupo no Facebook juntamente com o blog. Link: <http://nostalgia-final.blogspot.com.br/>.

internet em geral. Partindo de uma votação, quatro alunos, em cada turma, foram escolhidos para que fossem os administradores. Ao final do mês de maio, os alunos administradores passaram a ser reunir com o professor na sala dos professores para criação do blog. Eram orientados a transmitir para os colegas o que estava sendo realizado, fazer a divulgação do blog e ajudar os colegas a se cadastrarem e iniciarem as postagens. Em aula, sugeriu-se que a primeira postagem fosse a apresentação pessoal de cada um. Não houve exigências quanto a prazos, levando em consideração a participação de todos, o que demoraria certo tempo, dadas as dificuldades de compreensão quanto ao acesso e utilização.

Durante os meses de junho e julho, a professora procurou estimulá-los. Vídeos foram levados para a sala de aula, sendo um documentário sobre o medo retirado do Youtube<sup>13</sup> e um episódio da série *Twilight Zone*<sup>14</sup>. Foram estudadas as categorias do texto narrativo dentro de outra linguagem: a audiovisual. Os alunos fizeram listas de filmes e trocaram informações. Foram orientados a postar no blog um texto com o tema “medo”, tendo por base o documentário assistido e os questionamentos levantados em aula. O objetivo era promover discussões sobre o gênero terror, ou suspense e, também, estimular a escrita pessoal e criativa.

Durante o percurso, neste primeiro estágio do projeto, a escola acabou ficando sem *Datashow*, o que dificultou para mostrar de forma mais ilustrativa o uso das ferramentas do *blog*, e, também, para que continuasse meu trabalho levando vídeos. A partir daí, as voltaram a se limitar ao quadro negro e ao giz, o que contribuiu para tornar mais difícil a tarefa de estimulá-los e ajudá-los a usar as ferramentas que eram necessárias em rede. Houve a tentativa de utilização do laboratório de informática, mas as pastas de arquivos dos alunos, já na semana seguinte, não estavam mais lá, mesmo com os avisos e pedidos dos alunos. A atividade acabou se voltando para a escrita em aula, apenas.

Durante as atividades, foi possível observar que as postagens no blog eram poucas e limitadas e quase não havia comentários. Os alunos se queixavam em aula: ou a página no blog não carregava em suas casas, não estavam encontrando o espaço da postagem como havia sido mostrado, não tinham ou não sentiam a necessidade ou a vontade de comentar as postagens do *blog*. Postar era difícil, pois nem sempre as imagens carregavam, outras vezes, os alunos deixavam de salvar o texto formatado, entre outros problemas. Além de que nem todos conseguiram se cadastrar no blog via e-mail. Não entendiam o que era para fazer,

---

<sup>13</sup> Discovery Channel, A ciência do medo. O documentário está dividido em 6 partes. Link para a primeira parte: <http://www.youtube.com/watch?v=ejiNDI4ohpQ>.

<sup>14</sup> *Zona do Obscuro*, na tradução literal. É uma série de tevê norte-americana, criada por Rod Serling e apresentando histórias de ficção científica, fantasia, suspense e terror. A série teve lançamento em 1959, sendo relançada em 1980 e, posteriormente, em 2002. A tradução brasileira para o título é “*Além da imaginação*”. Vários episódios da série, inclusive os originais de 1959, podem ser assistidos no Youtube.

mesmo com o detalhamento das explicações ou a ajuda de outros colegas que já estavam postando ou dos administradores, alunos que muito ajudaram na tarefa de orientar os colegas.

No mês de agosto, após o recesso escolar, surgiram reclamações entre os alunos quanto ao tema, pois alguns começaram a querer ler e escrever sobre si mesmos, ou “histórias de aventuras”, as meninas, muitas, queriam escrever “histórias de amor”. Discutindo o assunto, decidiu-se mediante consenso diversificar as leituras, inclusive incluindo o gênero crônica, que muitos já conheciam dos jornais. Um Fórum foi criado na tentativa de conseguir uma maior participação, mas o número de usuários foi ainda menor. Durante o mês seguinte, ainda foi possível trabalhar as Figuras de Linguagem, utilizando o blog para postagens de imagens como exemplos. Nesta etapa surgiram dúvidas quanto à continuação da proposta, pois parecia que não estava dando resultados. A tarefa com as Figuras de Linguagem teve boa participação, mas já em número bem menor. De certa maneira, observou-se que o uso do blog não era apropriado para o trabalho com os alunos envolvidos, e que, tanto a professora como os alunos ainda não se encontravam preparados para o uso desta ferramenta. Os alunos diversificaram as leituras, embora alguns ainda continuassem no tema terror, suspense. As pesquisas em rede e os comentários dos colegas que acessavam o blog com os outros que não acessavam provocavam um interesse extremo nesses últimos, algumas vezes até inveja, como se os que conseguissem acessar fossem privilegiados. Apesar dos pontos negativos nos relacionamentos, o interesse em utilizar esses recursos era evidente.

No final do mês de setembro, surgiu a ideia de se utilizar uma página do *Facebook*<sup>15</sup>, pois parecia ser algo mais próximo da realidade dos alunos. Foi preciso mudar a dinâmica de trabalho. Em debate feito em aula, os alunos optaram pela criação de um grupo ao invés de uma página. Um episódio do desenho animado *South Park*<sup>16</sup>, intitulado “Você tem zero amigos”, foi trabalhado em aula, para que os alunos refletissem sobre seus perfis no Facebook e o uso das comunidades virtuais.

Nesse mesmo período, devido a grande variedade de gêneros textuais que estavam sendo lidos e acessados em rede, os alunos que possuíam celulares com *wi-fi*, ajudaram muito com pesquisas e leituras de textos pesquisados em aula. O celular se tornou um instrumento de pesquisa, até mesmo vocabular, o que facilitava muito, pois os alunos não precisavam sair da aula para pegar dicionários na biblioteca. Embora aqui eu sentisse a necessidade de

---

<sup>15</sup> Link de acesso ao grupo no Facebook: <https://www.facebook.com/groups/finalistasruibarbosa/>

<sup>16</sup> Desenho animado americano no estilo “comédia de situação” (sitcom). Geralmente voltado para o público adulto, pelo uso de vocabulário pesado, situações complexas, sátira pesada e ironia cruel. Mesmo com todas essas características tidas como negativas arrebatou o público adolescente/juvenil, por usar linguagem e expor situações e questionamentos de interesse deste mesmo público.

trabalhar a importância do uso do dicionário quanto a categorização morfossintática, o alfabeto fonético, antônimos, hiperônimos, etc.

Os alunos gostaram muito. Em dois dias o grupo já havia alcançado mais de 60% dos alunos. Hoje, 90% dos alunos fazem parte do grupo, embora apenas menos de 60% participem ativamente, postando ou comentando. Mesmo assim, recados e dicas são acessados e levados para a sala de aula. Os alunos estão sempre informados e mais organizados com suas tarefas. A postura para com o texto está mudando. Aos poucos, os alunos estão compreendendo a importância quanto à clareza do texto. Mesmo enfrentando muitos problemas quanto à pontuação, uso vocabular mediano, excesso de coordenação em detrimento de subordinação oracional, entre outros, os alunos estão escrevendo mais e já consideram a importância da releitura e a revisão do texto.

Questões como direitos autorais, principalmente de imagens, as quais são muito utilizadas pelos alunos, foram trazidas para a sala de aula. A questão de direitos quanto ao texto veio para a sala de aula de outra forma. No *Facebook* há muitas citações, como saber se elas são verdadeiras? Aqui, também, salvo raras exceções, a maioria já procurava respeitar a autoria de determinados textos, mostrando que no contexto dos alunos envolvidos, eram as imagens o maior questionamento: “Imagem tem dono?”; “Como a gente faz para saber quem é o dono de uma foto na Internet?”; “A gente acessa o *google images* e está tudo lá... E daí?” – Estas perguntas eram muito comuns.

Dificuldades de relacionamento começaram a surgir, alguns não querem expor o texto, porque o colega vai “criticar”. Para lidar com essa situação, uma dinâmica foi desenvolvida em aula. Consistia em criar cenas congeladas de atitudes de aula que eles não gostavam, ou coisas que queriam que os colegas se ajudassem mais. Puderam fazer uma autoanálise e perceber que nem sempre o colega critica “por mal”, mas muitos concordaram que tem de haver “jeito para falar”, já que “as pessoas não iguais e alguns podem se magoar” – nas palavras deles.

As turmas ficaram mais barulhentas e os assuntos se ramificaram mais, ou seja, um assunto pode trazer muitos outros e todos querem opinar, sendo necessário organizar com eles quanto ao foco a ser mantido, o que se espera de uma atividade, por onde ir e onde chegar. Atualmente, estão mais abertos para tirar dúvidas. Como no *Facebook* eles podem enfrentar a timidez e perguntar, isso também ocorreu em aula.

Surgiram grupos de opinião sobre os mais diversos assuntos, pois geralmente os textos trabalhados em aula trazem assuntos como: a adolescência, a cultura, música, a família, diversidade, enfim, textos que trazem debates que são do interesse dos alunos. Uma

dificuldade enfrentada é a necessidade de manter linhas de afastamento necessárias entre professor/aluno, principalmente com os adolescentes. Muitos procuraram o perfil pessoal da professora no Facebook, e foi preciso conversar sobre a proposta, deixando claro que se trata de espaço de estudo. Os alunos compreenderam a intenção do trabalho e a relação professor/aluno permanece boa.

Conflitos de ponto de vista e novas ideias começam a surgir. Surge também a necessidade de expressão. Percebe-se que muitas vezes a subjetividade do aluno é deixada de lado e quando há um espaço, eles têm necessidade de se expressar. Assim, também me surpreenderam alguns textos pessoais, outros de autoria própria e por puro prazer de fazer, que acabaram sendo publicados por alguns alunos. Essa metodologia de trabalho continuará até o final do ano letivo, pois as mudanças têm sido positivas e surgem, efetivamente, novas formas de explorar os conhecimentos linguísticos e as interações sociais tão necessárias ao desenvolvimento das habilidades discursivas.

Na escola a relação mudou. Os colegas de trabalho não concordam com o celular em aula, já que acham difícil de administrar. A importância do uso da internet e das novas tecnologias em geral parece ser bastante difícil na escola, já que a equipe parece não ver uma importância real nesse assunto. Tentou-se marcar uma reunião com os pais, mas a escola não abriu espaço. Isso por que os pais têm procurado a escola para entender melhor o trabalho em Língua Portuguesa, já que em casa, os filhos dizem: “estou no *Face* para estudar, mãe.” – Toda a comunidade escolar se vê enfrentando mudanças e tendo de administrá-las.

Outro conflito está situado na “zona de conforto”, ou seja, como o trabalho usando a rede e suas ferramentas é assunto da minoria dos professores em nosso contexto, e o uso destas ferramentas modifica a dinâmica das relações humanas e os processos de aprendizagem, outros colegas se encontram no conflito entre estudar novas formas de trabalhar, reformular o pensamento, ou simplesmente manter a estabilidade já abalada, gerando com isso novos posicionamentos e fazendo surgir novos dilemas a serem enfrentados na escola, os quais, e cito aqui a terminologia de Edgar Morin, são complexos e multidimensionais, tanto para os docentes quanto para os discentes.

## **5. Considerações Finais**

Os processos metodológicos desenvolvidos foram concebidos como guias de reflexão. Tentou-se manter uma postura aberta ao diálogo e ao questionamento constante. Entende-se aqui que o objeto de pesquisa, principalmente por estar centrado na construção da

aprendizagem dos indivíduos, não poderia desconsiderar as relações destes entre si, ou com o contexto no qual estão situados e, mesmo, com as relações que estes foram estabelecendo com a proposta. Vários aspectos foram considerados, como o conhecimento prévio dos alunos, a cultura que os constitui, o contexto social no qual estão inseridos e os processos de interação que mantém entre si e com o professor; suas subjetividades, já que “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido” (Morin 2000, p.36).

Esse movimento de troca de experiências promoveu ao longo do tempo muitas transformações nos sujeitos envolvidos, as quais trouxeram novas formas de pensar, agir e estruturar as dinâmicas em aula. Os debates entre professor/alunos e destes entre si foram essenciais para que o projeto não fosse abandonado diante das dificuldades, pois é necessário “rever ou corrigir o nosso planejamento para que, ao perceber que algo saiu diferente do planejado, possamos voltar atrás, para rever ou corrigir algumas atividades empreendidas” (MORAIS; VALENTE 2008, p.66). Assim, as falhas não foram vistas como motivo de desistência, mas sim como novos pontos de recomeço que pudessem levar a resultados “mais condizentes com a realidade observada” (Idem, op. cit., p66). Compreende-se assim, que o pesquisador também está em processo e por isso, deve estar preparado para enfrentar situações problema que exigem maleabilidade metodológica, ainda segundo estes autores:

Em pesquisa, por exemplo, podemos observar que a ação do pesquisador nem sempre corresponde à linearidade de sua intencionalidade primeira, pois acaba interferindo em algo ou recebendo alguma influência inesperada a partir de uma interação qualquer. Essa interação leva o pesquisador a desviar-se da rota, a fazer com que sua ação entre no jogo das interações com o ambiente, fazendo-a incorporar-se a novos sistemas de inter-relações não previstas e que emergem no processo. (MORAIS; VALENTE, 2008, p. 48).

Compreende-se que, de alguma maneira, quando o professor assume novas perspectivas menos impositivas e formais, as quais se mostram muitas vezes como inibidoras de processos, torna-se possível pensar no espaço educacional de maneira mais global. Este princípio da globalidade, mesmo difícil de ser totalmente alcançado, deve ser entendido como um objetivo a ser constantemente perseguido pelo educador, pois segundo Morin (2000, p.37) “O global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-retroativo ou organizacional. Dessa maneira, uma sociedade é mais que um contexto: é o todo organizador de que fazemos parte”. Uma prática voltada para esses novos paradigmas exige ainda mais esforços por parte do educador, requerer uma reformulação interna, ou seja, uma transmutação no modo de pensar o fazer educacional.

Conclui-se que este projeto de pesquisa representa uma peça mínima do grande quadro de transformações pelos quais os processos educacionais estão passando. Sua aplicação e seu desenvolvimento abrem um espaço para refletir a importância desse processo e, principalmente, demonstram o quanto estas transformações são possíveis. Sintetizando, pode-se dizer que as práticas pedagógicas devem estar abertas à imprevisibilidade, à reflexão e ao questionamento, pois as novas tecnologias modificam também os modos de se pensar em educação, em todos os seus múltiplos aspectos, colocando-os em processo de constante devir.

## 6. Revisão bibliográfica:

ANTUNES, Irandê. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 107-153.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. HUCITEC, 12ª edição, 2006. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Gloria/2012/2s/MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Gloria/2012/2s/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf)>. Último acesso: 07/12/2012.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In:\_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Sites construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita e subjetivação. Cad. Cedes, Campinas, vol.25, n. 65, p. 87-101, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a07v2565.pdf>>. Último acesso em: 08/11/2008.

MORAIS, Maria Cândida; VALENTE, José Armando. Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade? 1st ed. São Paulo: Paulus Ed., 2008. 83 p.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2nd ed. São Paulo: UNESCO/Cortez Ed., 2000. 115 p.

LEVY, Pierre. AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA: O Futuro do Pensamento na Era da Informática. São Paulo: 34Ed. Editora, 2004. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=BqB9hW8AeUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=BqB9hW8AeUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Último acesso em: 07/11/20012.

STAM, Robert. Mikhail Bakhtin e a crítica cultural de esquerda. In: \_\_\_\_\_. **O mal-estar no Pós-Modernismo: Teorias, Práticas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1993, p. 149-182.

### **Sites mais utilizados para consulta:**

Vídeos:

[www.youtube.com](http://www.youtube.com)

Hipertexto e educação:

<http://www.adonaimedrado.pro.br>

Consultas em geral:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal)

Obras literárias para trabalho em aula:

<http://bibliotecamalassombrada.blogspot.com.br/>

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>: